

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O CASO DE ABDULAI SILA DA GUINÉ-BISSAU

Data de aceite: 01/03/2024

Suely Santos Santana

Doutora em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais-CEAO e Mestre em Letras pelo Instituto de Letras e Linguística-ILUFBA, ambos da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Especialista em Metodologia e Prática do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, graduada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

Professora de Literaturas e Estágio Supervisionado no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/ Campus V e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-brasileiros-AFROUNEB, no mesmo campus. É membro do grupo de pesquisa FIRMINA - POS-COLONIALIDADE: Educação, História, Cultura e Ações Afirmativas – UNEB Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO: O texto a seguir aborda uma das literaturas africanas, no caso aqui, da Guiné-Bissau, através de um de seus representantes, o escritor Abdulai Sila, considerado como autor do primeiro romance bissau-guineense. Para tanto, fez-se uma breve discussão de alguns

romances do escritor em questão, além de uma rápida pontuação acerca da importância de se contar muitas histórias de modo a demonstrar que precisamos evitar o “perigo de uma história única”, nos termos da Nigeriana Chimamanda Adichie.

PALAVRAS-CHAVE: África; narrativas; colonialismo

AFRICAN PORTUGUESE: LANGUAGE LITERATURES: THE CASE OF ABDULAI SILA FROM GUINEA-BISSAU

ABSTRACT: The following text addresses one of the African literatures, in this case, from Guinea-Bissau, through one of its representatives, the writer Abdulai Sila, considered to be the author of the first Bissau-Guinean novel. To this end, a brief discussion was made of some novels by the writer in question, in addition to a quick punctuation about the importance of telling many stories in order to demonstrate that we need to avoid the “danger of a single story”, in terms of the Nigerian Chimamanda Adichie.

KEYWORDS: Africa; narratives; colonialism

INTRODUÇÃO

As narrativas sobre África e os africanos, em consonância com as ações do colonialismo, primaram por construir no imaginário social coletivo mundial uma ideia absurdamente reduzida do continente africano, assim como de seus habitantes. O discurso literário, por sua vez, não só contribuiu com tais narrativas, como teve um papel marcante, já que foi enunciado com uma carga significativa de estereótipos depreciativos que, aliado a outros discursos de poder, reduziu a complexidade do continente africano a guerra e fome e a seus povos atribuiu características inferiorizantes classificando-os como “bárbaros”, “primitivos”, “selvagens”, “indolentes”. Essas classificações nos remete à intelectual nigeriana Chimamanda Adichie (2023), quando reflete acerca do perigo de uma história única. Para ela, a história única rouba a dignidade das pessoas e cria estereótipos. Estes nem sempre são mentira mas sempre serão incompletos.

Com Adichie(2023) é possível se entender, ainda, a relação entre as narrativas e o poder, ou seja, é preciso estar atento para quem conta a história e como a conta, a quem interessa o que e como está sendo contado. Por isso, para ela,

Histórias importam.

Muitas histórias importam.

Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE,2023. Pag. 05)

A partir da afirmação acima, podemos refletir que se é verdade que as narrativas literárias, particularmente o romance, serviram e servem aos propósitos do poder ela também, por outro lado, se tornam o método utilizado pelos povos colonizados para afirmarem sua identidade e a existência de uma história própria deles, como observa Said (1995). É em um contexto como esse, de contar suas histórias, protagonizá-las, ser sujeito ao invés de objeto que estudamos e trazemos para a cena desse estudo uma das tantas literaturas africanas de Língua Portuguesa.

As lutas pela independência e sua concretização em muitos países do continente africano devem muito às narrativas literárias dos próprios africanos. Não é demais lembrar que uma das características de algumas das literaturas africanas – notadamente as de língua oficial portuguesa – incide sobre a resistência ao colonialismo e às conseqüentes lutas de libertação nacional. Após as lutas de libertação, no pós-independência, se não todas, ao menos grande parte dessas literaturas têm como uma de suas marcas a denúncia, a qual se mistura ao questionamento dos novos poderes, tendo em vista que estes se assemelham, sobremaneira, à antiga administração. Não obstante essa característica e talvez por isso mesmo, é também uma literatura única que aposta na resistência cultural e, nesse sentido, investe na recuperação de mitos e sonhos que permanecem na memória coletiva da população.¹

¹ Não são poucos os poetas e prosadores que servem de exemplo à afirmação. Em meio a outros autores e obras

As da Guiné-Bissau não se excluem. Em sua maioria, as literaturas produzidas na Guiné-Bissau são escritas por escritores “[...] herdeiros do “espírito de luta” que os alça à posição de construtores da nação e dão prosseguimento à contestação literária iniciada, sobretudo, por Amílcar Cabral” (DUTRA, 2011, p. 1000). Nas palavras de Odete Semedo, é uma literatura que encena “vozes de um povo desiludido, que se mostra traído porque os sonhos, até então alimentados, esvaíram-se, sem realização” (SEMEDO, 2011, p. 11).

Dentre uma diversidade de escritores e poetas africanos, escolhemos o escritor Abdulai Sila, considerado por estudiosos da Guiné-Bissau como um dos escritores e intelectuais mais influentes no seu país e por pesquisadores das literaturas africanas bissau-guineenses, a exemplo de Odete Semedo (2011), Moema Parente Augel (1998, 2007), Amarino Queiroz (2007), Hildo Honório e Filomena Embaló (2010), Robson Dutra (2011), dentre outros, não só o precursor do romance bissau-guineense, mas também um escritor cidadão, “com uma vivência atenta ao mundo que o rodeia e uma procura árdua de justiça e solidariedade humana” (CAVACAS, 2002, p. 7),

ABDULAI SILA NO CONTEXTO DAS LITERATURAS BISSAU-GUINEENSES

Sila² é um escritor africano negro que nasceu ainda quando a Guiné-Bissau era colônia de Portugal, em 1º de abril de 1958, em Catió – uma pequena cidade no sul da Guiné-Bissau – onde cresceu e frequentou a escola primária. Em 1970, mudou-se para Bissau, capital do país, a fim de frequentar o Liceu. De 1979 a 1985, vivendo na Alemanha, frequentou a Universidade Técnica de Dresden, onde se graduou no curso de Engenharia Eletrotécnica e participou com sucesso de vários cursos de especialização, inclusive nos Estados Unidos, na área de computação e telecomunicações. Além da paixão e compromisso para com o desenvolvimento das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação), acumulou, desde sempre, o interesse pela literatura, sobretudo, escrita, mesmo tendo em conta a tradição oral, inclusive, publicando “a maior coleção de contos tradicionais, em edição bilíngue” (SILA, 2013, p. 5).

Abdulai é considerado pelos pesquisadores das literaturas da Guiné-Bissau como autor do primeiro romance bissau-guineense. Até então, esse gênero havia sido escrito por autores situados na era colonial e que não eram filhos daquele país. Sila tem textos publicados em Cabo Verde, na França e no Brasil e, além de ficção, publicou textos sobre economia, política, educação e desenvolvimento social, em revistas locais e de diversos países.

podem ser destacados Odete Semedo com “No fundo do canto”, Pepetela, com “Mayombe”, e “A geração da utopia”, Manuel Rui e “Quem me dera ser onda”.

² Grande parte das informações acerca do escritor é de sua própria autoria e foram colhidas a partir das entrevistas concedidas pelo escritor. Uma foi concedida a Fernandes Cavacas, no jornal online Irohin no site <www.irohin.org.br> e depois foi transcrita em *Mistida* (Trilogia), a outra a Érica Bispo no periódico *O Marrare* – Periódico com o nome de Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, disponível no site <www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>. É uma terceira entrevista que me foi concedida através de correio eletrônico no ano de 2013.

Atualmente, o escritor e dramaturgo reúne uma obra composta de quatro romances – *Eterna Paixão* (1994), *A última tragédia* (1995), *Mistida* (1997) e *Memórias SOMânticas*(2016), além de quatro textos dramáticos, *As Orações de Mansata* (2007), escrito sob encomenda para o teatro, *Dois tiros e uma gargalhada* (2013), *Kangalutas* (2018) e *DEIH* (2022). Ademais tem contos e vários artigos publicados em jornais e revistas, sobretudo do seu país, a exemplo da *Revista Soronda*.

Abdulai tem seus livros publicados pela editora da qual ele é sócio fundador, a Ku Si Mon, editora privada do país, e é, também, um dos fundadores da revista cultural *Tcholona* Revista de Letras, Artes e Cultura. É, ainda, cofundador e diretor geral da Eguitel Comunicações³ – empresa privada de telecomunicações – e também cogestor da Sitec ou Silá Technologies – uma empresa de informática que criou em 1987 e é gerida em conjunto com o seu irmão. Por meio dessas empresas, o escritor vem desempenhando um papel pioneiro no desenvolvimento e difusão das tecnologias da informação e comunicação na Guiné-Bissau, empreendendo iniciativas várias para tornar essas tecnologias acessíveis e de baixo custo em todo o país.

Em entrevista ao Jornal O Marrare (2011), Sila declara o seu comprometimento com a produção cultural e a sua relação com a literatura, reiterando o valor que atribui à arte de produzir textos de ficção, que está diretamente relacionada aos propósitos de manter uma editora especializada no campo:

[...] tudo o que faço em termos culturais (escrever ficção, contribuir para a existência de uma editora de obras literárias etc) enquadra-se naquele conjunto de coisas que simplesmente *gosto de fazer*. Faz parte das atividades geradoras não de dinheiro ou de qualquer outro benefício material, mas que proporcionam imenso prazer. Fazendo parte daquilo que efetivamente *gosto de fazer*, essas atividades são, como acreditava o meu pai, imprescindíveis a essa indescritível sensação de realização (SILA, 2012, p. 3 grifos do autor).

Engajadas, com caráter de denúncia, as narrativas literárias de Abdulai Sila são marcadas por uma visão crítica do pós-independência, acentuando uma desilusão com os novos tempos, por um lado, mas, por outro, projetando uma esperança no futuro do seu país. São produções que demonstram uma preocupação do escritor com a justiça social, com a solidariedade, com a dignidade negada pelo colonizador e com a reconstrução de uma outra história da Guiné-Bissau, em particular, e africana, de modo geral.

Referindo-se ao romance *Eterna paixão*, Sila traduz, em entrevista, um pouco desses sentimentos:

3 A Eguitel é titular das licenças e autorizações que a permitem atuar como Operador de Telecomunicações, incluindo o direito de acesso direto internacional via VSAT e fornecimento de telefonia via Internet (VoIP). A Eguitel é a principal fornecedora de Internet na Guiné-Bissau e objetiva tornar o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) uma realidade na Guiné-Bissau e a Internet um meio privilegiado de acesso à informação e ao conhecimento, disponível para todos e em todo o país, segundo ela mesma informa no site <<http://www.grupo-sitec.com/as-empresas/eguitel>>.

Não posso esconder que quando iniciei a construção do enredo (já lá vão duas décadas), já era previsível o marasmo em que se encontra hoje o meu país. Já havia provas reais de que o “espírito da luta” já não existia mais, que os nossos concidadãos, que ontem abnegadamente participaram na concretização daquilo que para mim foi o maior feito deste povo no século passado – acabar com a colonização, aprofundando o processo de construção daquilo que Amílcar Cabral chamou de “Nação africana forjada na luta” –, estavam incompreensivelmente a enveredar por uma via em todos os sentidos oposta àquela que tinha sido anunciada. Estava acontecendo tanta coisa, tão nociva quanto ininteligível, assistia-se ao desmoronar de tantos sonhos “legítimos”, assistia-se a um defasamento cada dia maior entre o discurso político e a prática diária [...] (SILA, 2012, p. 4).

Artista e intelectual colonizado, Sila assume a responsabilidade de discutir as relações sociais do ponto de vista de um discurso não hegemônico e pensando numa dimensão coletiva, como ele mesmo expõe:

E essa realização pessoal, numa primeira etapa, adquire uma dimensão coletiva e extraordinária quando se tem em conta que, como você disse, poucos são os meus concidadãos que sabem ler ou se podem dar ao luxo de comprar um livro. E sabe por quê? Apesar da triste e anômala situação decorrente do fato de tanto o Governo como o Parlamento contar com elementos com capacidade muito limitada em termos de leitura/escrita, há um consenso a nível do povo em torno do valor e utilidade de se ser alfabetizado. Assim, se continuamos a ter uma taxa inaceitável de analfabetos é porque algo está errado. E esse **algo** vem de há muito tempo. Devo talvez lembrar que o meu primeiro emprego foi na alfabetização. Sempre achei que uma das maiores injustiças praticadas pelo colonialismo português foi justamente ter deixado tanta gente fora do sistema educativo, reduzindo dessa forma a sua possibilidade de promoção individual e coletiva. Trinta e cinco anos mais tarde constatar que essa injustiça continua sendo praticada é deveras frustrante! Nesse contexto, torna-se dever de cidadão intervir de modo a que essa injustiça seja banida. E o primeiro passo nessa direção é fazer com que esse **algo** a que me referi anteriormente como estrangulamento seja paulatinamente eliminado (SILA, 2012, p. 6).

Essa passagem é longa, mas a opção por reproduzi-la na íntegra deve-se ao motivo de considerá-la bastante significativa, principalmente ao se pensar que nos livros de Sila a presença do professor, inclusive grafado com letra maiúscula, e as passagens que fazem referência ao trabalho do magistério são recorrentes, não sendo difícil imaginar, portanto, que o escritor atribui importância singular à educação para a cidadania. Como o intelectual afirma na passagem, só é possível a construção do país, se houver um engajamento maciço nessa tarefa, um engajamento que pressupõe um esforço coletivo, mas que só será exequível se as pessoas tiverem um nível de instrução condizente com a enormidade da tarefa e se a elas for garantido o exercício pleno da cidadania, a qual tem suporte na educação formal. Por isso o entusiasmo do escritor na educação de adultos (SILA, 2012), uma educação que tem no método de Paulo Freire⁴ o modelo, já que, para além de ler e

⁴ Paulo Freire é considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, que se destacou pelo seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência

escrever, a educação deve capacitar o indivíduo para exercer suas funções de cidadão.

Nos anos 1970, após a independência, Sila fez parte da Comissão Coordenadora dos trabalhos de alfabetização de adultos em Bissau. Naquela oportunidade, conheceu o educador brasileiro Paulo Freire⁵, que fora convidado pelo governo bissau-guineense para contribuir com a educação no país recém-independente, cuja taxa de analfabetismo chegava a 90%, para aplicar o seu método de educação de adultos. Esse educador defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Desde essa época, já é possível observar o engajamento político de Sila com a sociedade de Bissau e, mais do que isso, uma aposta nas pessoas, no país, na educação, como forma de construção de uma outra história

SILA E SUA “TRILOGIA” ROMANESCA

Como afirma Santana (2014), nas narrativas de Sila é possível observar a tênue fronteira entre Literatura e História, sobretudo no que diz respeito às histórias de lutas e resistências da população bissau-guineense no enfrentamento ao poder colonial. Desnecessário é ressaltar que História e Literatura sempre mantiveram relações muito próximas, mesmo porque é da História que a Literatura extrai grande parte do material a ser utilizado no texto literário, e, conforme lembra Antoine Compagnon (2003), o trabalho com o texto literário não pode se limitar à análise dos seus aspectos linguísticos; para além desses aspectos é produtivo considerar os aspectos extralinguísticos, incluindo, dentre estes, o contexto, os fatos históricos que perpassam o momento não apenas a que a obra se refere, mas, sobretudo, em que foi produzida, tendo em vista que a literatura é concebida “em suas relações com a nação e com sua história. A literatura, ou melhor, as literaturas são antes de tudo nacionais” (COMPAGNON, 2003, p. 33).

A literatura, portanto, inscreve-se numa sociedade, numa determinada época, numa determinada cultura e, portanto, varia conforme a variação desses elementos. Inevitavelmente, ela expressa o contexto geral de uma certa realidade, embora não se possa perder de vista que a literatura não reflete uma realidade, mas a representa, como representa os homens e a relação deles com a sociedade, constituindo-se, então, como “pinturas da realidade”

pública. é inspirador de um método revolucionário que alfabetizava em 40 horas, sem cartilha ou material didático. Freire achava que o problema central do homem não era o simples alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua dignidade enquanto homem. Segundo ele, o homem que detém a crença em si mesmo é capaz de dominar os instrumentos de ação à sua disposição, incluindo a leitura. Freire concebe educação como reflexão sobre a realidade existencial. A aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma releitura do mundo. Ele parte da visão de um mundo *em aberto*, isto é, a ser transformado em diversas direções pela ação dos homens.

⁵ Autor do livro *Pedagogia do Oprimido* (1970), o qual apresenta um método de alfabetização dialético, Freire se diferenciou do “vanguardismo” dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático. Em 1964, foi preso e exilado na Bolívia por conta do enfrentamento à ditadura militar. Foi consultor educacional em países da Europa, assim como consultor em reforma educacional em colônias portuguesas na África, especialmente na Guiné-Bissau e Moçambique.

O romance *Eterna paixão* não foi o primeiro livro escrito por Sila, mas o primeiro a ser publicado, saindo à frente de *A última tragédia*, o qual foi produzido anteriormente. O motivo dessa inversão quem conta é o próprio autor:

Eu acho que pelo tema, sim... Nós sentíamos uma vontade de dizer certas coisas... Acho que é bom recordar como comecei a escrever... Não comecei com poemas de amor. Isso influenciou-me bastante, o que escrevi tem muito que ver com as minhas vivências. Acho que *Eterna Paixão* reflectia de certa forma aquela vivência do momento. Era essa a mensagem mais atual (SILA, 2002, p. 9).

A fala de Abdulai Sila, expressa nesse excerto, não deixa dúvidas de que o enredo de *Eterna paixão* está diretamente relacionado ao contexto histórico e político por que passava a Guiné-Bissau entre os anos 80 e 90. Quando da escrita de *A última tragédia*, na década de 80, segundo Carlos Lopes (1982) e Carlos Cardoso (2011), a Guiné-Bissau passava por momentos difíceis, sobretudo, no plano econômico, o que desencadeou conflitos que culminaram em um golpe de Estado. Com o golpe militar, o seu primeiro presidente da República, Luís Cabral, irmão do líder Amílcar Cabral, foi deposto, após governar a Guiné a partir de 1974, quando a sua independência foi reconhecida por Portugal.

Voltando a *Eterna paixão*, com a liberdade de imprensa, apesar de já ter *A última tragédia* pronto para ser publicado, motivado pelo contexto brevemente mencionado, Sila decide adiar a sua publicação, mas trazer a público algo que, de algum modo, refletisse aquele contexto já que “Era essa a mensagem mais atual” (SILA, 2002, p. 9).

Eterna paixão “se passa, justamente, entre os anos de afirmação política até a abertura para novos partidos” (BISPO, 2013, p. 84). Sila, através de um protagonista afro-americano, Daniel Baldwin, apresenta uma visão crítica da época pós-independência no seu país. Baldwin, influenciado pelas ideias do personagem Mark Garvey,⁶ transforma-se num dos principais ativistas e, posteriormente, presidente de uma organização de estudantes universitários – o *Africa Committee* – em prol do continente africano, “donde diziam ter saído seus antepassados”. Com a liderança de Baldwin, o *Africa Committee* desenvolve-se e, de um pequeno grupo, salta para uma organização que reunia a maioria dos estudantes afro-americanos de Atlanta, Estados Unidos. À frente da organização, Dan – como também era conhecido Daniel Baldwin –, revela-se um líder carismático, engajado, dedicado e com um espírito de iniciativa exemplar, bem aos moldes do líder Amílcar Cabral. Após formar-se em engenheiro agrônomo, imigra para um país africano de nome não revelado, disposto a contribuir com os seus conhecimentos e seu trabalho para a construção daquela nação, livre do jugo colonialista.

A partida de Daniel Baldwin para o país africano deveu-se à sua participação num concurso – As Vias para o Desenvolvimento –, no qual os estudantes deveriam apresentar

6 Jamaicano, apoiou a luta dos afro-americanos em prol de maior justiça e menos discriminação. Foi o idealizador do Pan-Africanismo e fundador da *Universal Negro Improvement Association* (1914), que esteve à frente de um movimento que preconizava a volta à África (*Come back to Africa*), de grande repercussão nas décadas de vinte e trinta nos Estados Unidos.

propostas originais para o desenvolvimento da África. Dan participou com vitória no concurso e, assim, tem a oportunidade de conhecer alguns membros de uma embaixada africana e, dentre estes, sua futura esposa Ruth, que “logo foi capaz de provocar nele a mesma fascinação e interesse que a África motivava” (VALANDRO, 2001, p. 74), por quem se apaixona, casa e parte para esse continente.

Em solo africano, o casal torna-se funcionário do governo e, se por um lado Dan prossegue com suas convicções de, com o seu trabalho, contribuir para o desenvolvimento africano, com a construção de uma África justa, solidária, livre, unida, por outro, Ruth se afasta desses ideais, que por sinal aproximaram o casal, e Daniel acaba sendo vítima de dupla traição, uma vez que a mulher não só passa a manter um relacionamento com um membro do governo, um indivíduo corrupto, mas, para além disso, trai o país se envolvendo em negociações. Daniel começa a conhecer outra face da personalidade de sua esposa e, em meio a uma sequência de turbulências, o casamento se desfaz, junto com a esperança de Dan de (re)construir aquele lugar.

Da mesma forma que passa a conhecer uma outra Ruth, Baldwin também toma consciência de uma outra África: “[...] aquela com cara cruel, que reprimia barbaramente; [...] aquela com mãos sanguinárias, que assassinava nas prisões; [...] outra de olhos vedados, perdida na corrupção; e [...] a outra ainda...” (SILA, 2002. p. 241).

O protagonista Daniel Baldwin, contudo, desiste daquele lugar, mas não desiste da África como um todo, não abandona seu sonho de contribuir para uma África melhor, não perde a esperança de tudo. É nessa perspectiva que Dan, juntamente com Mbubi – personagem feminina que tem importância singular no enredo, “mulher de meia idade, guardiã das tradições do seu povo, em cujo seio Daniel encontra consolo e apoio” (AUGEL, 1998, p. 336), parte para Woyowayan, um lugarejo onde põe em prática o seu projeto desenvolvimentista que lhe rendeu o prêmio no concurso já mencionado. Recuperou a economia daquele lugar, criando escolas para as crianças, jovens e adultos, fundou clubes e cooperativas, tudo com base na ideia de desenvolvimento a partir da agricultura, já que “desenvolveu um sistema que tornou a aldeia agricolamente sustentável” (BISPO, 2013, p. 85). Lá “o professor”, como era conhecido, viveu sua “eterna paixão”.

Em *Eterna paixão*, a escolha de Sila por um afro-americano para protagonizar o enredo do romance enfatiza, primeiro, as concepções carregadas de estereótipos negativos acerca do continente africano como um todo, não deixando dúvidas da eficácia do discurso divulgado pelo mundo ocidental, como depois, especificamente, no excerto, a referência às concepções pan-africanistas nas palavras do amigo de Baldwin, cujo nome não deixa dúvidas da referência do narrador a um dos ativistas do movimento Pan-Africanista, Marcus Garvey e o nome do personagem.

Enquanto em *Eterna paixão* Sila faz alusão à euforia inicial em contraste com a posterior desilusão aos anos que se seguiram à independência, em *Ultima tragédia*, romance escrito antes de *Eterna paixão*, mas só publicado depois deste, mais especificamente, em

1995, o escritor recua no tempo e traz à tona os anos finais da colonização, representando toda a movimentação que sucedeu à independência. Em ambas as narrativas, delinea-se o compromisso do escritor com a sua terra e, como afirma Érica Bispo, com a “função de provocar a reflexão, ocupando uma posição entre o ficcionista e o historiador, Sila escreve sobre ‘o que poderia ter acontecido’” (2013, p. 40).⁷

Em *A última tragédia*, os personagens, sobretudo os protagonistas, se é verdade que aparecem como vítimas do preconceito e discriminação – inclusive racial – da exclusão, da imposição cultural, da violência física ou simbólica, não é menos verdade que, por outro lado, muitas vezes de formas diferenciadas, reagem, desafiam, resistem à empresa colonial. É possível afirmar que, no empreendimento de Sila, pode ser lida uma decisão deliberada de revisar as histórias divulgadas sobre o continente africano e suas populações, investindo numa outra história africana, no geral e, especificamente, da Guiné-Bissau. Ou, segundo essa possibilidade de leitura, é possível afirmar que esses personagens, a exemplo de Ndani, uma menina de 13 anos que sai da zona rural para se empregar como doméstica na cidade grande, do Régulo Bsum Nanki e do professor, constituem-se como exemplos de resistência ao poder colonial, como exemplos de autodeterminação e que com suas atitudes vão se inscrevendo na história de modo a servir de exemplos aos concidadãos bissau-guineenses. Pode-se pensar, ainda, que com esses exemplos Sila vai definindo os elementos que para ele configuram uma nação. Pensando com Laura Padilha, pode-se ler *A última tragédia* como uma narrativa que recua no tempo, não só no intuito de apontar como o poder colonial violentou as populações africanas, escravizando-as, impondo culturas, religião, valores, determinando apropriações de territórios, mas, para além disso, objetivando marcar como os africanos reagiram, inclusive dificultando algumas ações do poder colonial.

A última tragédia concentra-se em três histórias principais: a de Ndani, a do Professor e a de Bsum Nanki, Régulo de Quinhamel. Ndani é uma jovem que, aos treze anos, foge da aldeia em que morava, Biombo, a fim de escapar da sina vaticinada por um *Djambacus* de que era portadora de má sorte. Na capital, Bissau, passa a trabalhar como empregada doméstica de um casal português e, assim, é alvo das tentativas de sua patroa de impor-lhe a religião, um nome europeu, roupas, e ainda sofre as humilhações impostas pelos patrões. Livra-se de sua patroa, submetendo-se a um casamento forçado com O Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, e, viúva do Régulo, assume sua paixão pelo professor da aldeia.

O professor é um africano negro, filho da terra e filho de *Obem Ko* – um camponês famoso pela sua altivez, rebeldia e resistência contra a autoridade instituída, o que resultou em sua morte. O professor foi escolhido pelo Régulo para atuar na escola da aldeia – escola fundada pelo Régulo – e, apesar de assimilado, é um homem digno e altivo que reage violentamente ao poder colonial. Provavelmente, por isso, terá o mesmo destino do pai.

⁷ A expressão entre aspas é ideia de Aristóteles, citada pela pesquisadora Érica Bispo na tese (2013), que aqui prefere-se articular com a concepção de história de Walter Benjamin, enquanto ruínas e aquilo que poderia ter sido e não foi, percebida nos textos de Sila.

Finalmente, o terceiro personagem, mas não menos importante protagonista, é o Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, chefe tradicional de uma aldeia, Quinhamel, bastante respeitado e cheio de sabedoria e ideias muito pessoais de liberdade, dignidade e autodeterminação. Bsum Nanki pode ser lido como a representação do pensamento de Amílcar Cabral, sobretudo no que se refere à importância de os colonizados se unirem para pensar, pois só assim é possível derrotar o branco colonizador. Conforme salienta Moema Augel, “mais ainda que o professor e Ndani, [o régulo] seria como que a encarnação da contestação e da resistência inteligente” (1998. p. 13). Para ela, Sila reúne num mesmo romance três protagonistas fundamentais na desconstrução do povo africano como passivo, resignado, pois: Ndani, o Professor e o Régulo são a antítese da imagem do colonizado servil e incapaz, contrariando o discurso colonial que asfixia o africano dentro dos limites rígidos do estereótipo [...].

No que se refere a *Mistida*, o último livro da trilogia, publicado em 1997, encontra-se diante de uma narrativa muito diferente no que se refere à forma. Ao invés de um romance no modelo convencional, o que se observa é um livro com dez histórias, *storia em kriol*, que lembram capítulos, à primeira vista separados entre si, e que mais parece uma coletânea de contos. Na estrutura, a diferença reafirma-se, de tal modo que “cada episódio pode ser lido separadamente e constitui uma estória completa, nem sempre havendo, à primeira vista, uma ligação lógica entre os capítulos” (AUGEL, 1998, p. 347). Não obstante, trata-se de histórias que têm em comum o fato de pertencerem a protagonistas que tiveram experiências traumáticas e, por isso mesmo, “todos tinham uma *mistida* urgente a safar.” (SILA, 1987, p. 83).

Uma das várias singularidades desse livro diz respeito ao seu título. Segundo Augel (2007, p. 315), “é o único livro de Sila na língua guineense”. *Mistida* remete a algo como desejo, objetivo, aquilo que se quer. A despeito do caos reinante na sociedade africana, todos desejariam algo melhor, presumido na expressão *safar mistida*. É o próprio autor, conforme Russell Hamilton, quem esclarece o significado de *mistida*:

“Mistida” significa amor, desejo, ambição, afazer, etc. No entanto deve-se salientar que, ultimamente, este termo tem adquirido outros significados, que não têm nada a ver com a sua origem etimológica, nomeadamente, negócio, compromisso, etc. De facto, o seu significado só pode ser determinado no contexto de uma frase específica, tantos são seus possíveis significados e/ou sentidos. Deste modo, “safar uma mistida” (esta é a expressão que se usa) pode significar tanto ir beber um copo de vinho de caju, como concretizar um negócio, participar numa reunião de partido ou ainda fazer amor com uma amante. (HAMILTON, 1999, p. 20-21).

Outra leitura que pode ser feita desse livro requer uma investigação voltada para os estudos sobre intertextualidade, já que é possível observar referências e mesmo um diálogo explícito com os livros anteriormente publicados, *Eterna Paixão* e *A Última Tragédia* e até com os que nem foram publicados ainda, como *Sol e Suor* e *Memórias Somânticas*.

Especialmente e explicitamente no décimo e último capítulo de *Mistida*, intitulado *Kambansa*, encontram-se referências a esses livros:

Não tenho dúvidas que ainda haja alguém que acredite em mim, menos ainda no que escrevo... Por isso, o melhor mesmo é não dizer mais nada, pelo menos por agora. Mas talvez seja possível que o que não possa revelar-lhe agora venha a ser detectado no Sol e suor ou, quem sabe, nas Memórias somânticas. Depende (SILA, 2002, p. 463).

Como também é possível encontrar Ndani e Mboubi como parte da história: “Mboubi ainda ficou alguns instantes a seguir a marcha de Ndani e seus meninos, os quais, confirmou-o, traziam vestidos, todos eles, uniformes da mesma cor e do mesmo tecido.” (SILA, 2002, p. 462).

Para Santana (2014), no que se refere ao conteúdo, o livro segue a mesma linha temática dos demais, uma vez que também traz uma história que, no geral, intenta fazer uma denúncia dos caminhos tortuosos do poder bissau-guineense no pós-independência e, assim afirma uma desilusão que passou a ser companheira fiel de grande parte das populações da Guiné-Bissau. Concomitantemente, o autor trata da esperança em uma África de fato livre, autônoma, igual no diverso, justa, solidária e progressista. “A *Mistida* é o dia-a-dia, é o hoje da Guiné-Bissau...” (SILA, 2002, p. 10. grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de Uma História Única**. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-aoracismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf. Acesso em: 31 mai 2023.

AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1998.

_____. **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BISPO, Erica Cristina. **Eternos descompassos...: faces do trágico em Abdulai Sila**. 2013. 195 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Literaturas Portuguesa e Africanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br>>. Acesso em: 8 nov. 2013.

CARDOSO, Carlos, Revisitando o conceito de desenvolvimento no pensamento de Amílcar Cabral. Disponível em <<http://www.didinho.org/amilcabcabral.html>>. Acesso em 20 nov. 2011.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

DUTRA, Robson. O teatro guineense contemporâneo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA (ABRAPLIP), 23., 2011. **Anais...** São Luís. São Luís: Abralip, 2011.

HAMILTON, Russell G. *Literatura africana: literatura necessária*. Lisboa: 70, 1984.

LOPES, Carlos. (Org.). **Desafios contemporâneos da África**: o legado de Amílcar Cabral. São Paulo: Unesp, 2012.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo**: dizibilidades performáticas da palavra poética africana 2007. 310 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br>>. Acesso em: 3 out. 2013.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SANTANA, Suely Santos. Narrativas da Guiné-Bissau: a nação na “trilogia” romanesca de Abdulai Sila. (Série Teses e Dissertações. v. 03). Salvador: Eduneb., 2014

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau**: Histórias, culturas, sociedades e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

_____. Literatura guineense: entre a (re)criação e os atalhos da história. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa. **Literaturas da Guiné-Bissau**: cantando os escritos da história. Porto: Edições Afrontamento, 2011. p. 17-48.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

_____. **Dois tiros e uma gargalhada**. Bissau: Ku Si Mon, 2013.

_____. **Mistida** (Trilogia). Praia: Centro Cultural Português Praia-Mindelo, 2002.

_____. O livro como arma. Entrevista concedida a Erica Cristina Bispo. **O Marrare**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 13, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero13/erica.html>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

VALANDRO, Letícia. **A difícil Mistida guineense**: nação e identidade da Guiné-Bissau através da Trilogia de Abdulai Sila. 2011. 133p. Dissertação (Mestrado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br>. Acesso em: 3 mar. 2013.